



# Flor do Carmelo

Boletim informativo da Ordem Secular dos Carmelitas Descalços  
N.º 23 – 2006

## Liturgia viva

O perfil litúrgico de Isabel já se encontrava bem definido antes de entrar no Carmelo, embora se viesse a aperfeiçoar depois. Toda a sua espiritualidade nasce da vivência dos sacramentos e concretamente do baptismo, confirmação, reconciliação e Eucaristia. Podemos dizer que, praticamente, a sua espiritualidade é quase sacramental, alimentada e fortalecida sempre com a liturgia da Igreja. A sua vida esteve configurada pela vivência da liturgia nos seus diversos níveis. Para ela, usando a terminologia de São João da Cruz, os sacramentos são “toques de Deus na alma”. Escreve à sua amiga Framboesa e recorda-lhe: *“Foi o baptismo que te tornou filha adoptiva, que te marcou com o selo da Santíssima Trindade! ‘E os que chamou, também os justificou’: quantas vezes tu o foste pelo sacramento da penitência”*.

Para Isabel o sacramento da penitência tem um significado muito especial, uma vez que foi neste sacramento recebido pela primeira vez que se deu a sua “conversão”.

Na experiência litúrgica de Isabel a Eucaristia ocupa um lugar proeminente. Isto vê-se pela força das expressões e pelo número das citações. As referências eucarísticas aparecem mais no seu *Diário* e no *Epistolário* que são géneros literários mais autobiográficos. Isto quer dizer que a Eucaristia na vida de Isabel é mais vivência que doutrina.

Já no dia da sua primeira comunhão ouvimo-la dizer: *“Não tenho fome, Jesus saciou-me”*. A partir daqui a sua vivência eucarística foi sempre em crescendo até atingir momentos muito altos de identificação sacramental com Cristo.

Pela liturgia não só somos santificados, transformados e identificados com Cristo, mas também entramos no mundo de Deus pelo mistério celebrado. Deus entra na vida de Isabel e esta entra

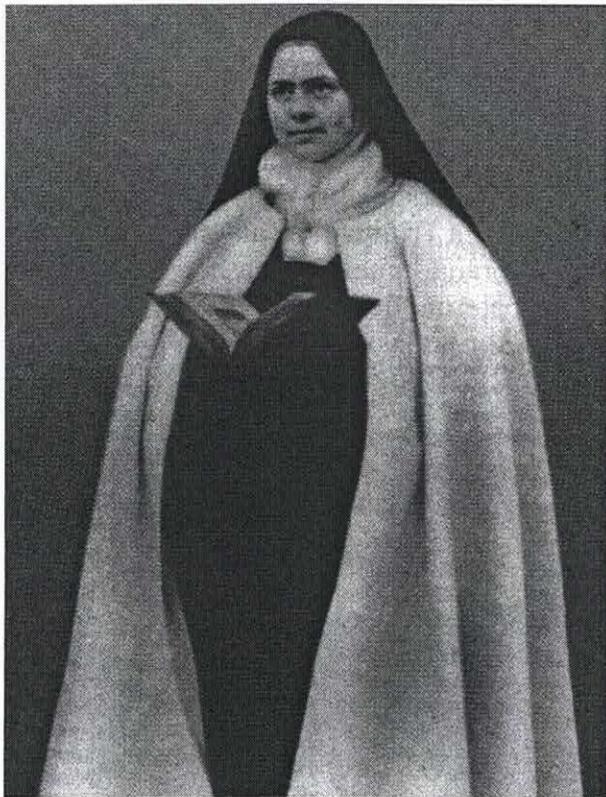
no mundo de Deus, no qual faz silêncio e fala ao mesmo tempo. Isabel descobre a sua missão: ser um “louvor de glória” eterno.

Isabel nutre uma predileção especial pelo tempo do Advento, que é o tempo próprio das almas interiores. Neste tempo ela vai viver o mistério dos grandes personagens da esperança, como a Virgem Maria. Ela convida a todos a viver este mistério do Advento. Em Novembro de 1905, escreve ao P. Chevignard e recorda: *“Eis chegado o santo tempo do Advento, parece-me que é muito*

*especialmente o das almas interiores, das que vivem sem cessar e em tudo ‘escondidas em Deus com Jesus Cristo’ no centro de si mesmas”*. E “na expectativa do grande mistério”, ela recorda a este sacerdote o Salmo XVIII que se rezava nas matinas, sobre a carreira do sol, e convida-o: *“Façamos o vazio em nossa alma para Lhe permitir lançar-se nela, para vir comunicar-lhe esta vida eterna que é a sua”... Estimo muito este pensamento de que a vida do sacerdote (e da carmelita) é um Advento que prepara a Incarnação nas almas”*.

Neste tempo do Advento a sua atenção vai para Maria, a “mulher do Avento”. E desde a sua sensibilidade feminina dirige-se a sua irmã que espera um filho, e convida-a a pensar e meditar em Maria do Advento: *“Imaginas o que aconteceria na alma da Virgem quando, depois da Incarnação, levava dentro de si o*

*Verbo Incarnado, o Dom de Deus...? Com que silêncio, com que recolhimento, com que adoração se submergia no mais fundo da sua alma para estreitar a aquele Deus de que era Mãe. Guitinha da minha alma, Ele está dentro de nós. Mantenhamo-nos pertinho d’Ele com aquele silêncio, com aquele amor da Virgem... Será assim como passaremos o Advento, verdade que sim?”*.



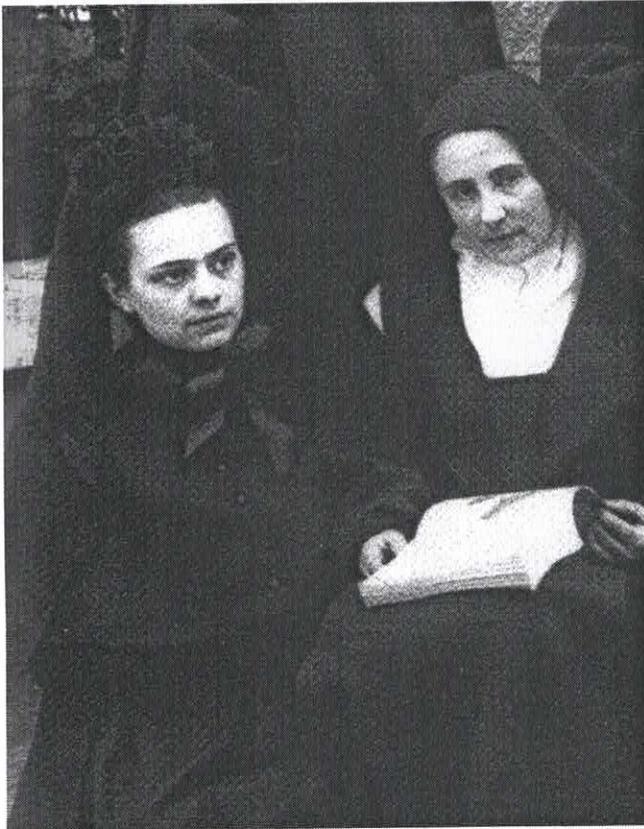
# Isabel da Trindade

## Biografia II

### Chamamento ao Carmelo

Isabel queria ser trapista porque o Carmelo parecia-lhe pouco austero. Uma vez que a vocação não é uma opção nossa, mas resposta ao apelo de Deus, este apelo manifestou-se na vida de Isabel.

A 11 de Abril de 1894, imediatamente depois de ter recebido a Sagrada Comunhão, Isabel sentiu dentro de si o eco de uma voz que murmurava a palavra *Carmelo*. Aos 14 anos de idade, fez o seu voto privado de virgindade e tomou a decisão de entrar no Carmelo. Em Agosto de 1894, escreveu ela, dirigindo-se a Nossa Senhora: “*Anseio viver escondida com o teu Filho, doce Mãe. Escondida para sempre no teu Carmelo*”.



Madre Germana e Isabel da Trindade, aos três dias de ingressar no Carmelo, 5 de Agosto de 1901.

A mãe, de maneira nenhuma, queria ouvir falar nisso e chega mesmo a proibir-lhe todo o contacto com o Carmelo. Isto foi para Isabel o grande sacrifício. Mas esta proibição da mãe não serviu para outra coisa que para aumentar nela o amor pela sua vocação. O desejo de estar em brevemente entre as filhas de Santa Teresa cresceu ainda mais.

Em 1899, durante a Quaresma, teve lugar a “grande missão” pregada por dois religiosos redentoristas. Isabel participou nela com grande atenção e fervor. Du-

rante a Missão, confessou-se ao Padre Lion e ficou totalmente esclarecida acerca da sua vocação. O que tinha a fazer era encaminhar-se para o convento, onde Deus a queria.

No seu *Diário* de 15 de Março escreve: “*O Padre descobriu em mim todos os sinais de uma verdadeira vocação e ele também acredita que Jesus me chama para o Carmelo*”.

Depois de ter passado por muitas contrariedades levantadas pela mãe, chegou finalmente o dia memorável para Isabel. A senhora Catez concede à filha autorização para entrar no Carmelo. Porém, impõe-lhe a condição de esperar até aos vinte e um anos.

A vida para Isabel tornou-se numa luta permanente. Entre o desejo de entrar no Carmelo e a realização desse desejo passaram nada menos que 7 anos. Teve que alternar vida de oração, estudo no Conservatório, trabalho de casa e deveres de sociedade. Ela procurava viver cada vez mais para o seu Deus e com o seu Deus. Soube conciliar muito bem vida espiritual profunda com vida mundana, no bom sentido da palavra.

Embora sofrendo pelo seu grande desejo de silêncio e de paz, Isabel teve que viver a sua aventura de família: viagens, recepções, entretenimentos vários, longas estadias nos Alpes, na Suíça, visitas a Biarritz e a Paris. Isabel põe em prática os conselhos que mais tarde dará a sua irmã Margarida e a outras suas amigas.

Apesar de tudo nota-se nas suas cartas um grande entusiasmo por certos espectáculos da natureza que Deus lhe oferece constantemente. Quando estava em Tarbes, podia contemplar uma parte da cadeia maravilhosa dos Pirinéus. Escreveu então à amiga Alice Cherveau: “*Vou louca por estas montanhas que tenho diante de mim enquanto te escrevo e parece-me que não poderei sentir-me doutro modo*”.

Encontramos em Isabel a alma gémea de Teresa de Jesus. O contacto com a natureza eleva-a até ao Criador. Quando uma pessoa é apanhada por Deus, tudo nela e à volta dela assume esta característica. Não existe senão Ele e tudo quanto a rodeia se torna como que num abraço divino. Dar um mergulho no mar, é como ser possuída pelo mar; nadar num mar calmo acariciada pelas ondas, é como ter a sensação de ser envolvida pelo poder do amor de Deus. Esta é a experiência de Isabel que justifica o seu desejo: “*Eu invejava a felicidade dos banhistas*”.

O mar fala da imensidade do Criador. A nossa futura Carmelita sabe-o. Para Isabel mergulhar nas ondas era mergulhar no divino e sentir-se transformada n’Ele. Foi provavelmente, durante a missão de 1899 que Isabel escreveu: “*Perder-se, desaparecer em Deus, não perceber já a pró-pria vida, mas sentir que só Deus vive em nós e reina como Senhor do nosso coração*”.

O afastamento de Dijon custava sempre muito a Isabel. Da sua janela podia ver o campanário do seu Carmelo e sentir-se mais unida às irmãs, imaginar e partilhar espiritualmente os tempos de silêncio e de oração.

Ela mesma confessará mais tarde à Madre Germana de Jesus, priora do convento: *“Parecia-me viver sem vida; até nas alegres reuniões com amigas muito queridas ao meu coração, eu experimentava, apesar de tudo, uma dolorosa sensação de vazio; era para mim um verdadeiro martírio ser levada nas férias para longe do Carmelo, de Dijon e das suas igrejas onde encontrava tanta alegria”*.

Estas frases de Isabel mostram a necessidade absoluta de uma alma ansiosa de afastar-se de tudo para viver só de Deus e com Deus. O seu sonho continuava a ser o Carmelo, mas a mãe persistia em não querer ouvir falar em tal.

Depois de 1897, após um colóquio com o seu confessor, a senhora Catez entendeu que não devia insistir mais na proibição feita à filha, não só de frequentar o Carmelo, mas também de desejar aquela vida.

Ela mesma confessou e justificou porque não a deixou ir antes dos 21 anos para o Carmelo: *“Comigo a sua vocação não estava realmente em perigo, mas procurava prová-la, fazendo-a conhecer o mundo. Expliquei as minhas razões a Isabel, que as escutou sem uma palavra de amargura... Por algum tempo, enquanto eu estava doente, evitou falar-me da sua vocação, mas o seu director espiritual disse-me que se tratava de uma vocação absolutamente segura. Assim prometi à minha filha que, aos 21 anos, entraria no Carmelo”*.

O dia tão desejado acabou por chegar. No dia 2 de Agosto de 1901, Isabel dá entrada no Carmelo de Dijon.

## Isabel Carmelita

Durante as últimas semanas que precederam a entrada no Carmelo, Isabel quase não saía de casa, por causa de uma inflamação no joelho, que a obrigava à imobilidade. Escreve ao P. Angles: *“Há dez dias que estou na gaiola: tenho um derrame de sinóvia num joelho. Apesar de tudo, estou contente, penso que se trata de uma atenção do meu Amado que quer fazer participar a sua pequena namorada na dor dos seus joelhos divinos no caminho do Calvário!”*.

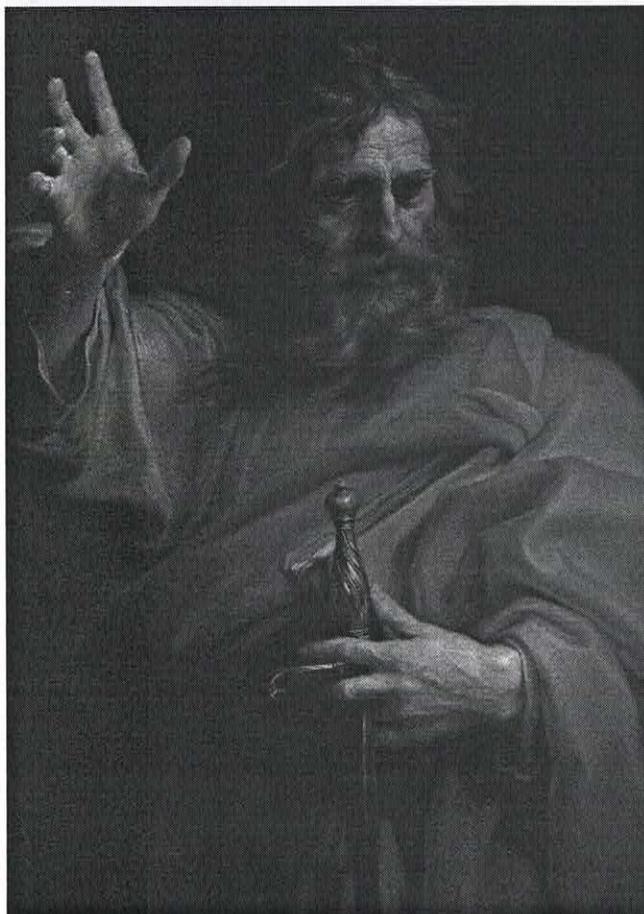
As últimas horas passadas na família, antes de entrar no convento, foram terrivelmente dolorosas. A última refeição, ao lado da mãe e da Margarida, as frases curtas e interrompidas, as lágrimas enxugadas furtivamente, a noite tão longa e tão curta, a aurora de um dia tão importante: primeira sexta-feira de Agosto; a Missa das oito, o portão que se abre e se fecha atrás dela... Quem fica de fora, olha os outros com consternação e desata a chorar.

Sabemos alguma coisa pela carta que Margarida escreve à senhorita Forey: *“Se soubesse como sou infeliz! Isabel entrou no Carmelo sexta-feira de manhã; aquele dia, pressentido há tanto tempo, chegou e consumou-se o sacrifício! Não quis dizer adeus a ninguém para evitar as emoções ... Os últimos dias foram terríveis, a última refeição em comum, o último serão... Enfim, na sexta-feira, fomos as três à Missa das oito, depois vieram chamar-nos, fomos até à porta da clausura, ela abraçou-nos uma última vez e a porta fechou-se atrás dela! Pareceu-me morrer, senti qualquer coisa que se despedaçava em mim... Reze muito por nós, querida amiga, reze pela sua Guidinha que muitas vezes se revoltou e amaldiçoou todos os conventos, mas acabou por resignar-se, embora se sinta destruída!... Enfim, a nossa consolação é sabê-la feliz. Garanto-lhe que ela também sofreu por nos deixar, e continuava a definhar. Por isso, o melhor foi que tudo se resol-vesse...”*.

Pouco tempo depois da sua entrada no Carmelo, uma dezena de irmãs partiu para Paray-le-Monial, para a fundação de um novo Convento. Isabel deveria partir com elas, pois já tinha as malas feitas, mas a mãe convenceu a Superiora a deixá-la ficar em Dijon, provavelmente sem a própria Isabel saber.

Uma vez que uma dezena de Irmãs foi para a nova fundação do Carmelo de Paray-le-Monial, fizeram-se eleições a 9 de Outubro de 1901. Põem à frente da comunidade superiores muito jovens, as duas de Dijon: Germana de Jesus, de trinta anos de idade, Priora e Maria da Trindade, de vinte e seis anos, sub-priora. São estas religiosas que vão acompanhar Isabel nos primeiros anos da sua vida de carmelita, principalmente a Madre Germana que vai acumular com o cargo de Priora o de Mestra de noviças.

Isabel é a sétima jovem do noviciado, onde permaneceu mais três anos depois da sua profissão. Ela sentiu-se imensamente feliz no Carmelo. Assim o manifestam as cartas que ela escreve aos familiares e amigos.



Os textos de S. Paulo, juntamente com os de S. João alimentaram a fé de Isabel da Trindade.

A Mãe, abre uma excepção e permite que ela vá a Matinas. O tempo de Matinas, para Isabel, é, apesar de tudo, um tempo cheio de poesia. A 30 de Agosto escreve a sua irmã: *“Oh! Vede, a esta hora em que o bom Deus está tão só, como é belo unir-se ao Céu para cantar os seus louvores: parece então que o Céu e a terra não são senão uma coisa e cantam o mesmo cântico”*.

Alguns dias depois da entrada no Carmelo, era apresentado às pretendentes um questionário que elas deviam preencher. Era uma espécie de exame, para ver se as postulantes tinham uma visão clara sobre a escolha de vida que desejavam fazer para seguir a Jesus. Eis as respostas que Isabel deu:

“Qual é, para si, o ideal da santidade?  
Viver de amor.  
Qual é o meio mais rápido para lá chegar?  
Fazer-se pequenino, abandonar-se sem exigir nada em troca.  
Qual é o Santo que mais aprecia?  
O discípulo predilecto que repousou sobre o coração do Mestre.  
Qual é a sua Santa predilecta e porque razão?  
A nossa Mãe Santa Teresa, porque morreu de amor.  
Que ponto da Regra prefere?  
O silêncio.  
Qual é a característica dominante do seu carácter?  
A sensibilidade.  
Qual a sua virtude predilecta?  
A pureza. «Bem-aventurados os puros de coração porque verão a Deus».  
O defeito que lhe inspira mais aversão?  
O egoísmo em geral.  
Dê uma definição de oração.  
A união daquela que não é com Aquele que é.  
Que livro prefere?  
A alma de Cristo: é ela que me confia todos os segredos do Pai que está nos céus.  
Sente um forte desejo do Céu?  
Tenho certamente saudades dele, mas, se exceptuarmos a visão beatífica, já o possuo no íntimo da alma.  
Que disposições gostaria de ter no momento da morte?  
Gostaria de morrer amando e correr até cair nos braços d’Aquele que amo.  
Um tipo de martírio que mais lhe agradaria.  
Agradam-me todos, especialmente o de amor.  
Que nome gostaria de ter no Céu?  
Vontade de Deus.  
Qual é o seu lema?  
Deus em mim e eu n’Ele”

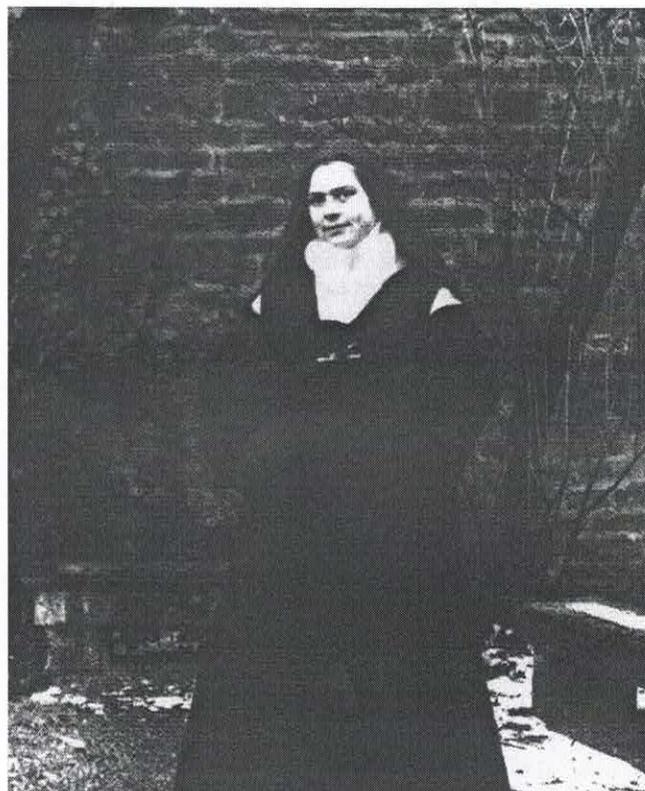
**«Encontrei o meu céu na terra,  
porque o céu é Deus,  
e Deus está dentro de mim»**

## Isabel viveu de amor

Quando perguntam a Isabel, no questionário apresentado ao pouco tempo de entrar no Carmelo, qual é o seu ideal de santidade, ela responde: viver de amor. E qual era a sua Santa predilecta e porquê? Santa Teresa de Jesus, porque morreu de amor, assim respondeu. Esta foi a sua vida no Carmelo: viver de amor para morrer de amor.

Deus vem a nós como Deus. Não está só: está toda a Santíssima Trindade em nós. O Pai vem a nós e continua a gerar o Verbo. Para Isabel basta saber escutar e entender!

Com o Pai vem o Filho, consubstancial a Ele, perfeita-mente igual ao Pai, Sua imagem. O Pai e o Filho amam-Se reciprocamente e de modo infinito: deste amor procede o Espírito Santo igual ao Pai e ao Filho, distinto de um e do outro, embora sendo o vínculo recíproco entre os dois.



Deus fala-nos interiormente por meio do Seu Espírito e comunica-nos os segredos do seu amor. De facto, Ele habita em nós como Amor. E como Amor que é quer que nos tornemos “Amor”, vivendo de amor. E para Isabel “viver de amor” é viver “d’Ele, n’Ele e por Ele”. Para ela, esta vida de amor “é como ter já o Paraíso na terra”.

Numa carta, recomenda: *“Vivamos de Amor (...) sempre no mais completo abandono, imolando-nos, momento a momento, em fazer a vontade de Deus sem procurar coisas extraordinárias (...) Unamo-nos para fazermos dos nossos dias uma contínua comunhão. Levantemo-nos de manhã no amor, abandonemo-nos todo o dia ao amor cumprindo a vontade do bom Deus,*

sob o seu olhar, com Ele, n'Ele e por Ele somente. Entre-guemo-nos, sem interrupção, da forma que Ele quer (...) Quando depois vem a noite, após um diálogo de amor que nunca cessou no nosso coração, adormecemos ainda no amor. Talvez vejamos defeitos, infidelidades: abandonemo-las ao amor. É um fogo que consume. Fazemos assim o nosso purgatório no amor”.

Segundo a Madre Germana, Isabel colocou a sua vida de Carmelita na eficácia do amor transformante. À sua amiga, Margarida Gollot, Isabel escreve o seguinte: “Também eu, minha querida irmã, não quero desejar-lhe senão o amor. Esta palavra encerra, parece-me, toda a santidade.

Amemos, portanto, o nosso Dilecto, mas com um amor calmo e profundo! Permanecemos em recolhimento ao lado d'Aquele que ... nos envolve por todos os lados de tal modo, que já não somos nós que vivemos, mas é Ele que vive em nós!”.

Isabel não descansa. Como ela escreve: “o coração não repousa, não encontra distensão enquanto não atingir o objecto do seu amor”. E, como ela diz, o termo do amor é “dar-se... perder-se inteiramente n'Aquele que se ama. O amor faz sair de si mesmo aquele que ama para o transportar, através de um êxtase infável, para o seio do objecto amado”.

Já no primeiro ano da sua vida religiosa, Isabel escreve a sua irmã Margarida dizendo: “não sei fazer outra coisa senão amar”. Às tias que habitam em Carlipa, escreve: “O Amor: para mim é a ciência dos santos e não quero conhecer outra”.

Realmente Isabel, “não sabia fazer outra coisa senão amar”, mas este seu “amor” não ficava encerrado num zeloso trato com o seu Deus. Isabel foi sempre uma pessoa que não soube suportar os limites, alcançada uma meta, ultrapassa-a imediatamente num ímpeto de amor.

Isabel vive sempre “fora de si”. Está com o seu Deus; e n'Ele encontra e vê as pessoas mais queridas e vive com todos os homens. Isto só pode entender quem o experimentou ou quer alargar cada vez mais a sua capacidade de amar. O amor nunca é negativo, quando, para lá da pessoa, nós olhamos continuamente a Deus.

## Isabel viveu de fé

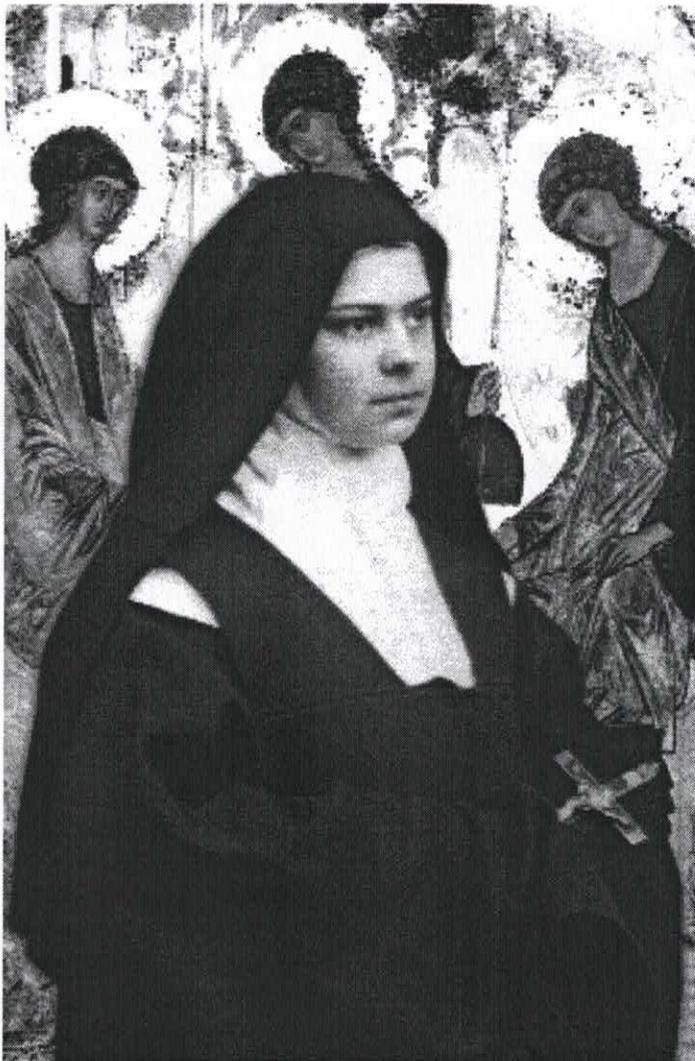
A Madre Germana era uma mulher de fé e tinha formado Isabel na sua escola. Enquanto postulante, durante o silêncio rigoroso, que tinha lugar entre Completas e Matinas, Isabel costumava passear no terraço contemplando o céu. Uma noite, a Madre Germana, passando por ela, diz: “Que faz aqui?”... “Basta! vá para a sua cela. Não se vem para o Carmelo para sonhar debaixo das estrelas”. E a Madre justifica a sua atitude dizendo: “Eu queria fortalecê-la na fé. Era sua mãe espiritual e não madrastra”.

Ela repetia muitas vezes às suas noviças: “minhas filhas, ponde os vossos fundamentos na fé”. Por isso mesmo ela lutou muito contra a sensibilidade de Isabel. Mas nem por isso esta deixou de nutrir um grande afecto pela Madre Germana; e porque tinha sido sobrenaturalmente “cativada por ela”, aprendeu a viver de fé. Isabel facilmente se convenceu que no Carmelo só se pode viver de fé. Escreve à condessa de Sourdon: “Oh, se soubesses como no Carmelo se vive da fé, como a imaginação e o sentimento são excluídos das nossas relações com Deus...”.

Isabel é uma discípula fiel de S. João da Cruz. E a preocupação do santo, bem como de Isabel, é a união com Deus. É viver o céu na terra. E não há outro meio para chegar a essa união que a vivência da fé. Na fé, Deus dá-se e comunica-se tal qual é: um Deus próximo, infinito, transcendente. Na fé o homem recebe uma capacidade insólita e imerecida para

acolher o mistério revelado e viver, a partir dela, a própria vida. O interesse que Isabel mostra pela virtude na fé está na sua identificação com o mistério do Deus vivo e pessoal.

E Deus ao comunicar-se tal qual é converte-se em encanto e tormento. Encanto pela sua infinitude, bondade e formosura. Através dos acontecimentos e palavras da revelação, Ele manifesta-se comunicativo e acessível. Atrai a mente e o coração. Revelação quer dizer presença de amizade.



«A Trindade, eis aí a nossa morada,  
a nossa ‘casa’, a casa paterna,  
da qual nunca devemos sair»

Mas este Deus próximo e amigo é também infinito e transcendente. Revelou-se mas não se desvelou. Continua envolto no mistério da sua grandeza insondável. As mesmas palavras que Ele usa para se revelar, para nos falar do seu ser e dos seus desígnios, são as mesmas que nós usamos para designar coisas humanas que não têm nenhuma semelhança com Ele. Por mais que se revele nós ainda não chegamos a entender. Embora se manifeste, continua a ser o invisível. Esta é a razão do tormento da fé. A fé dá-nos Deus já nesta vida, mas oculto e coberto por um véu.

### A fé dá-nos Deus

Como diz a Irmã Isabel, a fé dá-nos os bens futuros que se tornam presentes na alma antes que ela os goze. E mais ainda: *“a fé dá-nos Deus já nesta vida, revestido, é certo, do véu com que ela o cobre, mas em todo o caso o próprio Deus”*. *“Por meio da fé, nós pos-suímos tudo aquilo que os bem-aventurados possuem na visão beatífica”*. E como para Isabel *“o meu céu é Deus”* é capaz de dizer: *“A fé é o céu nas trevas”*.

Para Isabel a fé é um dom de Deus pelo qual O pode contemplar, unir-se a Ele, tocá-l’O e abraça-l’O. É isto que ela vai experimentando progressivamente. Deus – Pai, Filho e Espírito Santo –, pela fé, é Alguém que nos conhece e que nos dá a capacidade de O conhecer, Alguém que nos ama e que nós queremos amar, Alguém que me possui e que eu posso possuir na fé. Parece uma loucura, mas é algo divino.

Escreve a Irmã Isabel: *“Essas [almas] entram n’Ele pela fé viva, e aí, simples e pacificadas, são elevadas por Ele acima das coisas, dos gostos sensíveis, na treva sagrada e transformadas na imagem divina. Vivem, segundo a expressão de São João em ‘comunhão’ com as Três adoráveis Pessoas, a sua vida é comum, e é isso a vida contemplativa; só esta contemplação conduz à posse. Ora, esta posse simples é a própria vida eterna saboreada no lugar sem fundo. É lá, que acima da razão, nos espera a tranquilidade profunda da divina imutabilidade”*.

A fé nunca é uma evidência. Dá-nos a Deus, como Isabel diz e vive, mas ao mesmo tempo oculta-O. *“Eis a fé, a bela luz da fé, que me aparece. É só ela que me deve iluminar para ir ao encontro do Esposo. O salmista canta que Ele se ‘esconde nas trevas’, e, por outro lado, parece contradizer-se ao afirmar que ‘a luz o rodeia como uma veste”*.

Dos mestres do Carmelo, Isabel aprenderá que é só pela fé que a alma avança na contemplação e se aproxima cada vez mais de Deus. Este foi um duro caminho percorrido pela irmã Isabel, mesmo antes de entrar no

Carmelo, e que se vai tornando cada vez mais exigente. Ela devia chegar final-mente ao estado sublime: viver da fé e na fé.

Para isso Isabel teve que ultrapassar a barreira do sentido. A fé, bem como o amor, não é sentimento, embora muitas vezes vá acompanhada dele. Por isso mesmo escreve Isabel: *“É necessário que apague todas as outras luzes ... e que o Cordeiro seja a ‘única chama’”*... *“devo mergulhar na treva sagrada, fazendo a noite e o vazio em todas as minhas potências”*.

Apagar todas as outras luzes supõe esvaziar todas as potências, deixar de se apoiar naquilo que se sente, naquilo que se entende, naquilo que se vive, para se apoiar na “pura fé”, de que fala habitualmente a Irmã Isabel: *“Se soubesses até que ponto se vive de fé no Carmelo, até que ponto ficam excluídos das nossas relações com Deus a imaginação e o sentimento...!”*.

A palavra importante foi pronunciada por Isabel. Ter fé é acreditar no Amor, no Amor que Deus tem por nós. Isto de modo algum é evidente. Muitas objecções se poderiam apresentar demonstrando que é impossível. E, contudo, é preciso dizê-lo e repeti-lo: um cristão é alguém que crê, apesar de tudo e contra tudo, que é verdade que “Deus nos ama”. Isabel recorda uma e outra vez esta certeza: *“Quando a noite escura for cercando a tua alma, crê sempre no Amor, que é o foco divino que há-de guiar os teus passos até o Ente infinito”*.

É na palavra de Deus que Isabel se apoia nas suas relações com Deus e não naquilo que possa sentir ou deixar de sentir. Isabel repete com S. João: *“Nós conhecemos a caridade de Deus por nós e credi-tamos nela”* (1Jo 4, 16), e comenta: *“Que importa à alma, que se recolheu sob a luz que nela criou esta palavra, sentir ou não sentir, estar na noite ou na luz, gozar ou não gozar... Experimenta uma espécie de vergonha em estabelecer uma diferença entre estas coisas. E quando ainda se sente por elas atingida, despreza-se profundamente pelo seu pouco amor; e então dirige-se depressa ao seu Mestre para, por Ele, se fazer libertar”*.

Crer sempre. Crer no Amor que Deus nos tem, qualquer que seja a circunstância da nossa vida, alegre ou triste. Este é o segredo da felicidade que Isabel nos quer revelar. A sua alma transborda. O que escreve a sua irmã é para todos nós: *“Oh, Guida, esta tarde ao escrever-te a minha alma transborda, porque sinto ‘o tão grande amor’ do meu Mestre e quereria fazer passar a minha alma à tua para que nele pudesses acreditar sempre, sobretudo nas horas mais dolorosas”*.

Isabel alimentou a sua fé na Sagrada Escritura, principalmente nos Evangelhos e nas cartas de S. Paulo.

(Continua)

